

Diálogos Insubordinados Criativamente na Formação de Professores e na Educação Estatística

Creatively Insubordinate Dialogues in Teacher Education and Statistical Education

[DOI: 10.37001/ripem.v10i1.2358](https://doi.org/10.37001/ripem.v10i1.2358)

Celi Espasandin Lopes

Universidade Cruzeiro do Sul; Universidade Cidade de São Paulo
celi.espasandin.lopes@gmail.com

Fernanda Aparecida Ferreira

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG
fernanda.aparecida.f@gmail.com

Este número temático da *RIPEM – Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática* originou-se das discussões realizadas durante a Segunda Conferência Internacional de Insubordinação Criativa na Educação Matemática, em setembro de 2019, na cidade de Florianópolis. O evento contou com a apresentação de vários estudos realizados em diferentes instituições brasileiras e estrangeiras. Os trabalhos apresentados a partir da seleção de seus resumos foram ampliados e submetidos à avaliação pelos pares, e os aprovados compõem este número.

Esta é a terceira edição especial sobre insubordinação criativa publicada em periódicos brasileiros. Como já esclarecido nas edições temáticas da *RenCiMa (Revista de Ensino de Ciências e Matemática)* em 2017 e na *RIPEM* do segundo semestre de 2019, o conceito de insubordinação criativa tem suas raízes nas ideias do sociólogo americano Robert King Merton, ao discutir as estruturas burocráticas e personalidade, quando alertou sobre a ineficiência no tratamento de casos individuais e imediatos.

Morris et al., no início dos anos 80, baseados nos estudos de Merton, publicaram os resultados de uma pesquisa etnográfica, evidenciando ações de oposição, por parte de diretores escolas de Chicago, a instâncias superiores que buscaram atender as necessidades locais de suas comunidades escolares. A essa postura dos gestores eles atribuíram o termo de “insubordinação criativa”.

A partir desse estudo, o conceito de insubordinação criativa ganhou outros sinônimos e foi utilizado em outras áreas de conhecimento. Hutchison, em 1990, usou as mesmas ideias dos pesquisadores da área da Educação, mas denominou “subversão responsável”, na área da Enfermagem, para descrever ações de contraposição de profissionais às regras superiores, em defesa dos pacientes. A pesquisa evidenciou que as ações de desobediência às ordens eram norteadas pelo compromisso ético das enfermeiras.

Um estudo foi realizado por Keedy em 1992, utilizando o conceito de insubordinação criativa para descrever o comportamento autônomo de quatro diretores de escolas de Ensino Médio que empregaram suas habilidades de gerenciamento e

liderança para melhorar as condições do espaço escolar, sem limitar-se apenas a gerenciar instruções advindas de instâncias superiores.

Em 1995, Haynes e Licata também discutiram a insubordinação criativa nas ações de diretores de escolas e destacaram que as atitudes que eles assumiam nessa perspectiva exigem prudência, disposição e desenvoltura, sempre com o propósito de assegurar melhores condições para alunos e professores.

Roche, em 1999, publicou uma síntese sobre todos os estudos aqui indicados e concluiu que, em geral, os profissionais investigados buscavam alterar, adaptar ou ignorar as políticas de órgão superiores para atender mais adequadamente sua comunidade escolar.

Somente em 2013 o termo “insubordinação criativa” surgiu nas pesquisas em Educação Matemática pelo viés político assumido por Gutiérrez, ao relacioná-lo às ações de professores de Matemática quando assumiam atitudes de resistência a diretrizes políticas e burocráticas, relacionadas especialmente aos contextos marcados pela discriminação de qualquer tipo.

As ideias de insubordinação criativa adentraram o cenário educacional brasileiro a partir das discussões apresentadas por D’Ambrosio e Lopes em 2014 em livros, artigos, apresentações em eventos... As autoras assumem a subversão responsável como sinônimo de insubordinação criativa. O diálogo por elas estabelecido com Paulo Freire permitiu-lhes constatar que, para o educador matemático ser subversivamente responsável, é preciso assumir-se como ser inconcluso, é importante ter consciência de quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. É tomar a curiosidade como alicerce da produção de conhecimento e fazer de seu inacabamento um permanente movimento de busca. Elas discutem que, para o profissional, o fato de ser insubordinado criativamente significa que ele terá as atitudes de oposição às regras estabelecidas, seja na prática docente, seja nos fazeres da pesquisa, quando se objetiva o bem-estar do outro e se pauta em ética, respeito humano e justiça social.

Movidos por tais pressupostos, os autores dos artigos a que o leitor terá acesso nesta edição trazem debates sobre a formação de professores e os desafios da Educação Estatística.

A princípio temos um estudo baseado na observação das posturas de insubordinação criativa de professores de matemática portugueses em um curso de formação continuada: o trabalho de Assemany, Costa e Machiavello traz contribuições para as investigações que visam criar condições de atitudes de subversão responsável dos docentes por meio de ambiente de comunidade de práticas colaborativas e exploração dos princípios dos Círculos de Cultura de Paulo Freire.

Em seguida, temos uma visão sobre as compreensões de como são discutidas, no trabalho de Godoi, Gregorio e Rodriguês, uma formação de professores que aborda a história do ensino de Matemática, com reflexões sobre aspectos da profissão, sobre a escola e a disciplina; e uma possibilidade de formar um professor propenso a insubordinações criativas em sua prática.

Santos, Oliveira e Civiero apresentam elementos que mostram um diálogo possível entre a prática de insubordinação criativa e o movimento das Feiras de Matemática. Os princípios que fundamentam o trabalho partem de uma discussão

reflexiva sobre práticas colaborativas centradas na compreensão de seu desenvolvimento, de seus avanços e contribuições, para uma prática docente insubordinada.

Brigo, Flores e Wagner narram detalhes de uma pesquisa com um grupo de professoras pedagogas que ensinam matemática, colocando em evidência como outros espaços formativos as aproximam de ações de insubordinação criativa com profissionais da Educação Matemática.

Em uma narrativa baseada numa perspectiva da Educação Matemática Crítica, Civiero e Bazzo buscam desvelar as complexidades da sociedade 4.0, imbricadas com as ações matemáticas, em uma epistemologia que evidencia a concepção crítica do professor, voltada para uma educação que valorize a condição do ser humano, por meio da inserção de variáveis da nova equação civilizatória.

Após as leituras sobre estudos envolvendo a formação de professores, adentramos os diálogos realizados por pesquisadores da Educação Estatística com o conceito de insubordinação criativa.

Inicialmente, Corrêa e Lopes, a partir das narrativas autobiográficas de crianças de 7 anos, analisam os elementos argumentativos produzidos, com o objetivo de identificar ações de insubordinação criativa às propostas de atividades com Estatística.

Uma reflexão sobre a ampliação de possibilidades para o ensino de estatística na educação infantil na perspectiva da alfabetização estatística é o foco do artigo de Lira e Carvalho, que analisam aspectos da insubordinação criativa dos professores de educação infantil e refletem sobre como eles inserem atividades estatísticas em seus planejamentos e nas experiências com as crianças.

No texto de Samá e Novaes são apresentadas, na sala de aula de Estatística, atividades pedagógicas comprometidas com a justiça social, que buscam promover a formação de um sujeito crítico, ético, democrático e colaborativo, numa perspectiva da insubordinação criativa, rumo a uma prática pedagógica traçada com base nos estudos da Biologia, da Neurociência Cognitiva e da Educação Socioemocional.

Silva e Silva identificam atos de Insubordinação Criativa revelados, pela análise da escrita narrativa autobiográfica, nas experiências de aprendizagem e de ensino de Estatística e trazem contribuições para que outros professores reflitam sobre suas experiências no ensinar e no aprender, de modo a realizar atitudes de Insubordinação Criativa nos seus contextos.

Em um projeto de estatística desenvolvido com alunos do ensino médio, Kleine argumenta que romper com a concepção de estatística como adestramento de habilidades operatórias, por meio de uma postura de insubordinação criativa, contribui para alcançar estudantes reflexivos e críticos na sociedade

Tavares e Lopes avaliam a usabilidade do *software* GeoGebra no ensino e na aprendizagem da Estatística nos cursos de ensino superior e a relevância da detecção de *outliers* em um conjunto de dados na determinação da associação entre variáveis qualitativas e quantitativas.

Com esse conjunto de textos, você, leitor, terá acesso a diferentes perspectivas e ideias diversas que lhe oportunizarão processos reflexivos sobre suas práticas em

Educação Matemática. Quiçá você venha a ser um educador ou um(a) educador(a) matemático(a) responsabilmente subversivo(a).

Referências

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Org.). *Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE, A. (Ed.). *Proceedings...* of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the Inter-national Group for the Psychology of Mathematics Education. Chicago, IL: University of Illinois at Chicago 2013. p. 1.248-1.251.

HAYNES, E.; LICATA, J. W. Creative insubordination of school principals and the legitimacy of the justifiable. *Journal of Educational Administration*, Bingley, v. 33, n. 4, p. 21-35, 1995.

HUTCHINSON, S. A. Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses. *Scholarly Inquiry for Nursing Practice an International Journal*, Nova York, v. 4, n. 1, p. 3-17, Primavera 1990.

KEEDY, J. L. Creative insubordination: Autonomy for school improvement by successful high school principals. *The High School Journal*, University of North Carolina Press, v. 76, n. 1, p. 17-23, 1992.

MERTON, Robert K. Estrutura burocrática e personalidade. In: CAMPOS, E. (Org.). *Sociologia da burocracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 96-110.

MORRIS, V. C. *The urban principal*. Discretionary decision-making in a large educational organization. 1981. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED207178>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

ROCHE, K. *Moral and ethical dilemmas in Catholic school settings*. In: BEGLEY, P.T. (Ed.). *Values and educational leadership*. Albany, NY: SUNY Press, 1999. p. 255-272.